

SEMANA DE EJA

(Reunião dos Centros de Referência)

BRASÍLIA, 2-3 DE DEZEMBRO DE 2010

Manhã de 2/12/10

Auto-apresentação dos presentes (não estão representados todos os centros. Há vários convidados e observadores). Alguns dos participantes, como Scocuglia, da Paraíba, ou Jane Paiva, do Rio de Janeiro, presentes a outros eventos, que não vieram.

Introdução de JORGE TELES.

A rede começou como centro de memória, no RJ, para ativar uma Casa de Cultura que estava em precária situação. Provocaram o MEC e este se deu conta de que a memória a ser construída podia ser bem mais ampla, devendo outros se envolver. Proposta inicial, nordeste; sudeste/sul; centro-oeste/norte. Centro-Oeste, então representado por Margarida (GO), propôs sair separado do Norte, justificando a diversidade regional. Na sequência, foi desencadeado o processo. O caminho tem sido construído coletivamente, ao longo do processo: projeto por região, busca de parceiros, elaboração de memória de cálculo, ajustes a prazos etc. Mantém-se a ideia de resgate da memória e isso a universidade pode realizar muito bem, mediante atividades de ensino, pesquisa, extensão.

Buscou-se Arquivo Nacional e CPDOC/FGV. Cada região foi crescendo segundo suas especificidades, agregando instituições. Muitas dessas instituições já têm um antecedente de pesquisa e extensão e ensino na área. Assim, a preocupação é não deixar que se perca ou se privatize essa memória tão importante para a política de EJA. A perspectiva é de que EJA seja entendida não na perspectiva formal, mas como educação ao longo da vida.

Para não privatizar, o trabalho deve ser feito em rede, para que todos tenham acesso gratuito. O problema de acesso a obras de grande importância, a obras de pensadores brasileiros que estão fora do Brasil e a obras de latino-americanos às quais não temos acesso. Assim, pensou-se também em provocar Unilab, onde se encontra Jaqueline, com uma proposta já madura a respeito da formação que se pretende. Unilab também aderiu. Há uma produção vasta latino-americana. Fundo de Cultura traduzia muita obra, mas não disponibilizava a literatura de nosso interesse. A expectativa é que não se tenha uma restrita articulação em torno do Centro, mas uma articulação mais ampla. Escritório do Crefal, no Paraguai, é responsável pela educação de Adultos. Há uma expectativa muito grande em torno dessa articulação nacional e internacional.

Neste ano, as coisas foram pensadas e montadas no processo. A perspectiva é de se reforçar o processo de institucionalização.

A ideia hoje, neste evento, é compartilhar em que momento histórico cada um está, atualmente. Se e como se está avançando.

A missão deste trabalho é criar algo que seja facilmente utilizado pelos que estão na ponta, nas bases.

Dinâmica a ser adotada a seguir: cada centro apresenta informações sobre planejamento e como está em termos de pesquisa/extensão/ensino. Amanhã tentaremos avançar na questão do marco histórico. Mesa redonda.

Tarde de 02/12/2010:

- grupo de trabalho sobre coordenação nacional da rede dos Centros de Referência de EJA (princípios e diretrizes do Centro – discussão do documento preliminar)
- grupo de trabalho sobre construção da rede nacional (procedimentos metodológicos e sistema de informação)

Hoje seria um momento para discussão de tarefas estabelecidas no encontro do RJ (procedimentos tecnológicos e ensaios de procedimentos técnicos etc.) Até agora, depois do Encontro do Rio, houve o encontro em S.Paulo, tendo participado 2 instituições paulistas. Também, na próxima semana, haverá seminário no RJ, reunindo instituições federais de ensino para apresentar proposta do Centro e verificar possibilidade de constituir regionalidade própria. Aqui, hoje, participam, da Secad, a Elaine (recursos financeiros) e a Regina.

INFORMES POR REGIÃO

SUDESTE/SUL – proposta de um Centro de Memória, agregando todas as atividades de pesquisa, ensino e extensão, ao mesmo tempo, articulando pós-graduação em arquivologia, história da educação. Acervo de EJA, ensacado adequadamente, foi encontrado no Colégio Pedro II. UERJ fez o primeiro projeto, junto com UFF. Unirio demandou (tem know how em arquivologia). Sul ainda não tinha se constituído. Mesmo tendo-se provocado algumas instituições, não apareceu liderança capaz de aglutinar. Por isso, a ideia de Seminário (NO RIO). Ainda em curso a negociação, que pode ter matiz regional, mas tem de ser articulado, integrado.

NORTE – UFPA coordena. Última reunião se reuniram e definiram estratégia de cursos e pesquisa, a serem iniciadas pelas próprias universidades (levantamento de acervo). Esperando liberação de recursos para as instituições. Na reunião, combinaram produção de instrumento comum, para que todas as instituições tivessem linguagem comum. Integraram observatório de EJA. No Tocantins, desde 2008, com alunos de graduação, já fizeram levantamento de trabalhos em EJA. Atualmente, há 4 projetos em curso.

Instrução de Regina da Secad sobre prorrogação: “solicitamos prorrogação de data de vigência do processo, recurso atrasado “, anexar termo de cooperação e, no campo 72, alterar a data. Com 6 meses (tipo 30 de junho de 2011)

Instrução de Ana da Setec sobre recursos de capital. Acordo entre André Lazaro e Getúlio. Diferentemente de Secad, a Setec se comprometeu com 2010. Não é possível atrasar. O recurso tem de ser empenhado ainda este ano.

Margarida – tem havido dificuldades e talvez se deva pensar em estratégias de centralização.

Carlos Perez – se continuar a dificuldade, a ideia é fazer a execução centralizada dos recursos.

UFRN – problema é na Proad. Se o dinheiro tivesse ido para a pro-reitoria de extensão, talvez fosse melhor viabilizado.

Maria Luiza Angelim, quando foi liberado o recurso (descentralização), foi oportuno o fato político da liberação, que é digno de mérito. O que no RN se resolve pela pro de extensão, em outras instituições pode ser resolvido melhor em outros setores.

NORDESTE – Emilia informa: o Núcleo tenta se articular com outras entidades ligadas a EJA. Algumas ações foram buscadas, evento integrado, por exemplo. UFPB, particularmente, tem experiência acumulada em EJA. Biblioteca Paulo Freire, cátedra de EJA. Projeto extensão, licenciatura etc. Hoje, recebendo solicitações de técnicos, alunos, professores demandando curso de extensão.

Iniciativas domésticas: tem grupo de pesquisa e extensão com foco em EJA. Acervo, começaram a mapear. Acervos...

Eliane Deise – busca de aquisição de espaço físico. Organização do grupo, desde o início articulados com universidade estadual e mais duas outras, conseguindo juntar 7 projetos de pesquisa em EJA. Fez oficina, juntando objetivos das pesquisas, articulando-as. Grupo ficou grande, e decidiram articular em sub-grupos, incluindo professores de historia. Até para entender melhor essa linguagem da memória histórica. O grupo está formatado, há vários professores e alunos bolsistas e de pós. Criaram uma metodologia emergencial e acharam que inicialmente era interessante fazer grupos focais em todo o Estado para conhecer experiências de EJA . Com ajuda de Seduc, seminário dedicado à agenda territorial e a grupos focais. Nesse Seminário foi levantada uma série de possibilidades de identificação de acervos. A respeito de compra de equipamentos, dificuldades imensas. Convidaram secretaria, MST etc. todos os que têm capilaridade. Vão também incorporar alguns projetos de pesquisa e de educação Saberes da terra e Educação do campo, para dar mais visibilidade ao Centro. Vão trabalhar com pessoal de história e memória.

CENTRO-OESTE – também no CO, especificamente em Goiás, existe um antecedente. Articulação de universidades, num diálogo intenso com fóruns de EJA. Educadores de fora de universidade tem inclusive entrado e exigido participação intensiva nas bolsas etc. Projeto único, regional, mas com divisão orçamentária. Nosso princípio é articulação, projeto coletivo.

Temos inclusive aprendido a nos comunicar por webconferencia. Todas as entidades parceiras têm participado. De cara, pensamos em um foco, que é a diversidade. O nome dado ao Centro nosso é Memória Viva. Assunto que já foi discutido, essa questão do nome. A questão da individualidade, a questão da identidade do Centro. Temos uma tarefa insana de organização regional. Temos perspectiva de articulação nas três dimensões ensino, pesquisa e extensão. Não podemos deixar de fora Capes, CNPq, INEP. Eles devem nos fortalecer também, o coletivo, não somente aos pesquisadores individuais. Ansiamos ser projeto nacional. Se vamos ser isso, precisamos definir conjuntamente. Do ponto de vista regional, temos nos movido para definir metodologias (teremos em breve, 16 e 17, nosso encontro regional aqui em Brasília). Temos tentado pensar que o ambiente virtual é o meio que temos de pensar para nos fazer presentes e difundidos. Inicialmente, pensamos em aproveitar o site do FORUM EJA. Hoje, a ideia é outra, que evoluiu para criação de uma central nacional. Seremos isso? o que queremos ser? precisamos definir modelos de definições.

UNILAB – criada no marco da cooperação internacional SUL-SUL. Unilab integração entre países de língua portuguesa, fundada em 20 de julho. Situados no Ceará, na região de Redenção. Tem 5 áreas de ação prioritária: administração, gestão, engenharia, Das vagas para professores, 50% destinadas a brasileiros, 50% a africanos timorenses. Processo de adesão brasileiro é pelo ENEM. Corpo docente com parte brasileira e parte internacional. Lourenço Ocuni Ca, de Guiné-Bissau, é o primeiro professor, com formação no Brasil, Unicamp. Universidade residencial e de tempo integral. Atividades diurnas. Presidente Lula vai fazer lançamento da pedra fundamental em 10 de dezembro. Provisoriamente, começará a funcionar num prédio histórico que está sendo adaptado.

EJA era um foco importante de interesse. ECOSS – Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos (rede de cooperação SUL-SUL). UFC, UFPB serão interlocutores, que também participarão na experiência de África. Ação integrada, portanto. A rede já realizou 4 oficinas internacionais, sendo o Centro construído e planejado colegiadamente com esses parceiros nacionais e internacionais. Parceria com Unesco.

Pressupostos: CONFITEA VI, realizada em Belém. Disciplinaridade: EJA não entendida apenas como ação da área da educação, mas integrada à saúde e à agricultura. Nesse sentido, reunião com camponeses no sentido de entender a problemática de EJA nesses âmbitos. No processo de pesquisa, pensar EJA exige identificar seu significado em cada país. Conjunto de ações vinculadas ao Brasil e outros, a outros países. Pesquisa e extensão no Brasil, juntamente com UFC, no maciço. Pois entende que, para desenvolver essas ações fora do Brasil é preciso exercitá-las também aqui. Outras ações programadas: documentários;.... Projeto iniciado em final de outubro. Reunião com UFC, diálogo com cátedra Unesco de EJA, reunião com secretarias estadual e municipais.

UNILA - diferentemente de Unilab, tem um quadro de especialistas. Fase de recrutamento de alunos. Preocupa-se com a identidade do Centro, como alertado por Margarida. O que se espera de um Centro com essa perspectiva ou possibilidade de levantar EJA no âmbito latino-americano?

Em 2008, tramitou projeto de lei, aprovado em Nov. 2009. Seleção de alunos em julho de 2010. Setembro de 2010 o primeiro contato com a proposta de Centro. A Unila está instalada em F.Iguaçu. Estão sendo desenvolvidas parcerias com universidades, ONG etc. Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA). Iniciaram com as cátedras (grandes nomes em distintas áreas, que ministraram palestras. Atividades de ensino, pesquisa e extensão. Cursos voltados para A. Latina. Profs. recrutados por concurso. 30 profs. já atuando. Mais 10 foram aprovados recentemente. Capacidade agora é de 1500 a 2000 alunos. Projeto arquitetônico concebido por Niemeyer. Oferece seis cursos, bilíngues, abordagem inter e transdisciplinar. Tutoria na relação prof.-aluno. Início das atividades acadêmicas em agosto de 2010.

Prof. MAMEDE

Antes, Maria Luiza contextualizou a participação de Mamede. Informou de si própria que coordena portal dos Fóruns de EJA e esse foi o instrumento de mobilização que tem sido valorizado pelo pessoal de EJA. Não se trata de exclusivamente virtualizar informações, mas de guarda, demarcação da memória brasileira. Nesse sentido, a pergunta foi: quem sabe mais que nós para pensar essa virtualidade? Assim é que surgiu o contato com Mamede, professor da UnB

MAMEDE - . Formado em Eletrônica e em Filosofia, o que permite o diálogo conosco. Últimos 10 anos, tem-se dedicado à ciência da informação, especificamente arquitetura da informação, que tem um pé na tecnologia e outro, na informação. Encantado com a diversidade das iniciativas, com a pluralidade. Essas características devem ser preservadas num futuro modelo de rede. Cada Centro tem sua característica. Certamente, não há um modelo único, o que impõe outra maneira de pensar solução. Pode-se pensar em modelos de apoio a problemas específicos, mas o MEC terá de disponibilizar recursos que atendam às necessidades daí decorrentes. Algo unificador, mas preservando a diversidade. Terminologia não está estabelecida. Não há consenso, parece ser uma característica. Há que se trabalhar em um termo que seja de consenso, pois isso se reflete num portal onde se trata a informação e é preciso haver um entendimento comum. Outro aspecto é o padrão de formatação de informações. A informação será armazenada em determinado padrão, que seja aberto, internacional, com inter-operabilidade. Padrões abertos de mercado. Tecnologias em nuvem.... é a grande tendência, o que não significa que seja o mais adequado. Há muito recurso tecnológico, mas o grande problema está no conteúdo. É preciso seguir todo o ciclo da informação. A rede é internet, é uma nuvem, também. Temos as RNP, que suportam essa infraestrutura. Rede pode-se deixar de lado. Do ponto de vista de gestão e de segurança e de políticas (de acesso, de manutenção etc.) seria importante que houvesse um Datacenter, pois haverá condições melhores de controle. Ou seja, ter características que suportem melhor o sistema. O que é problemático é decidir quais as características da rede. A posição hoje é de primeiro contato, não há interesse de tomar dianteira, ou lugar de ninguém.

Custo associado a tecnologia. Custa caro, não há uma curva sempre crescente. O custo é alto na implantação, mas é preciso saber que, na relação custo-benefício, pode ficar barato. Se houver cuidado no planejamento, cuidando das fases de implantação, de manutenção etc., não haverá problema.

Software livre você não paga a licença, mas paga o serviço. O negócio não é a venda do software, mas a venda do serviço. Tem custos equivalentes ao software proprietário, mas, muitas vezes, mais alto. A cultura do software livre é fundamental. Ele tem instrumentos básicos e os serviços precisam ser desenvolvidos em cima desses instrumentos básicos. Há um mito em torno dele. No software proprietário, ou corporativo, você pode encontrar licença paga e serviço pago. Ou você paga por uma solução e readequa ao seu interesse. Pode-se fazer uma chamada de parceria, ou seja, um contrato de 15 anos, em que você terá a segurança, durante esse tempo, de instalação e manutenção.

O que tenho é um Centro de pesquisa, não uma fábrica de serviços. Porque o Centro é um problema e pode ser caracterizado como de pesquisa, pode-se pensar em colaboração.

Pergunta: Sem um diagnóstico ainda, você teria condições de ajudar?

Resposta: não se trata de diagnóstico, não há uma visão tecnicista. O que há são características e programar um tratamento das informações, especificar as perguntas que foram feitas por Margarida. O que, essa é a pergunta. Aí se consegue definir o que é informação em cima dessa caracterização e planejar o trabalho de informação em cima dessa definição.

Margarida - Há uma questão: encomendar, contratar serviço. Outro processo é fazer junto, criar junto. A experiência relatada pelo CPDOC ensina que, além de coletar informações, fazer também esse tratamento da informação para divulgar. Por conta disso, sentimos a necessidade de também mexer. Temos 4 anos para construir algo com sustentabilidade.

Resposta: planejamento para isso aqui. Construir colaborativamente o conhecimento. A arquitetura a ser criada deve provocar mudanças, as soluções a serem tomadas hoje devem ter impacto no futuro. O Centro já nasce como organização de aprendizagem. Este é um modelo típico de inovação. Não existe no mercado.

M.Luiza – a saída para este projeto de 4 anos não vai ser por descentralização de recursos, não vai ser por repasse de recursos para Unesco. Precisamos ter garantia de sustentabilidade, para isso, é necessário planejamento estratégico a fim de ter um peso de recursos que pautem a participação do Estado. A EJA deu grande salto, mas ainda não conseguimos alcançar um patamar de pesquisa que alavanque os processos de discussão na área. Há que ter, portanto, um planejamento de mais largueza para a pesquisa nacional, regional. Sobre a caracterização do Centro como sendo de Memória Viva – as tecnologias de oralidade tem de estar on line, simultâneas. Podemos talvez estar gastando muito dinheiro para registrar lixo. O critério tecnológico é muito importante. Memória Viva e também memória, ou seja, captar algo que informe o momento atual. Se ousarmos nas tecnologias, poderemos dar um salto quântico. Portanto, o planejamento estratégico vai ser nossa garantia. Aí instituições de pesquisa terão de ser acionadas e outras parcerias interdisciplinares

IDINAURA pergunta – o grande problema é saber O QUE. Você falou do descentralizado e do centralizado. A gente deu nome a esse projeto que está virando mega. Quando você falou em O QUE, a meu ver, no começo, a gente se equivocou imaginando que pensar Centro de Referência seria fácil, seria sair atrás das informações. Na sua fala de planejamento, a gente teria de ter alguma coisa para dar andamento ao que já teve início.

Resposta: quando falei descentralizado ou centralizado, eu estava falando em rede. A diversidade deve ser mantida, senão perde-se a possibilidade de pesquisa. Mas existe um padrão para organizar as informações, que não impede a liberdade de criar conteúdos, a partir disso. Temos de construir um modelo tal que a diversidade possa ser preservada. Um analista de informação até resolve os problemas imediatos, mas pode-se perceber que toda a iniciativa poderia ter outra condução. Sou muito mais a favor da cultura japonesa.

Pergunta: Do ponto de vista do que o trabalho requer, não seria mais difícil se a gente opta pelo software livre?

MAMEDES- Há soluções de infraestrutura muito boas. O que é preciso é criar garantia de disponibilidade. Para isso, é necessário tecnologia, ou seja, um bom conduto para isso, quem faz isso bem é a RNP, que tem troncos, alta velocidade. É capaz de dar boa disponibilidade. É o caso, então, de trazer um Ministério de Ciência e Tecnologia para dentro do Programa. Se o MEC aportar um recurso inicial para o Datacenter, outros entrarão numa continuidade do Projeto. MCT, paralelamente, pode aportar recurso etc.

Maria Aparecida Zanetti - Estou chegando e querendo entender. Quer dizer que a proposta é de um Centro virtual, onde se disponibilizará informações.

Resposta de Paulo Melo - Criação de rede virtual para armazenagem de dados. Desconhecíamos o suporte tecnológico, foi a partir da ideia do RJ que se foi alterando a proposta. Resgate da documentação dentro de normas e padrões das instituições (arquivologia, biblioteconomia....). Agora, chegamos a uma etapa de amadurecimento para pensar estrategicamente um caminho, articulado com o projeto Memórias Reveladas, sem perder de vista as especificidades. Podem-se avaliar novos aportes de recursos do MEC, mas considerar a Unesco como parceira, pois facilita muito, inclusive, as articulações com África e A.Latina. Fazer um grupo de trabalho para daqui sair um grupo de trabalho com assessoria do prof. Mamedes.

Oficina pode ser preparada num prazo mais alargado, sem que a gente se sinta oprimido pelas dificuldades administrativas (e, nesse sentido, é necessário um aceno de Setec, nos moldes que fez a Secad). Continuamos com as nossas aprendizagens e ações e pesquisas. Ao lado disso, com ajuda de Mamedes, faremos o planejamento.

Uma das questões era como formar as pessoas que estão integradas ao Centro.

- Na montagem da oficina:
- Modelos
- Padrões (E-PlnG) – está no site *e-gov*

Mamedes trará um grupo de assessores, o pessoal de Biblioteconomia, arquivologia, museologia.

MANHÃ DIA 03

Conversa inicial:

Hoje, explicitar os pontos mais importantes do processo e planejar os procedimentos. Alguns movimentos territoriais não são captáveis. Como o Centro pode resgatar esses movimentos? Assim, não se pode ser preconceituoso a esse respeito, ou seja, de como captar esses movimentos. Como harmonizar as visões, identidade na pluralidade? Como realizar a perspectiva de coordenação? A rede não pode nascer com a marca de que pertence a alguém. Não se pode demarcar o Centro como entidade jurídica, a perspectiva de rede exige montagem de um fluxo de informação para que haja trabalho coletivo.

Paulo introduz a fala das pessoas da manhã com a seguinte reflexão:

Antes, uma afirmação de que não se quer definir marcos periodizadores. História social da educação tem um capítulo sobre educação de jovens e adultos. Vanilda Paiva, todos conhecem. Beisiegel. Fávero. Contudo, há polêmica nessas obras sobre qual é o marco inaugural da educação de adultos. Em geral, define-se como sendo 1952. Por outro lado, na definição de marcos temporais, há nós que são marcos tradicionais pouco contestados. Revolução de 30, golpe de 64 etc. Momentos marcantes. A crítica a esses marcos tem de servir de outros sujeitos para virem construir outro entendimento. Mesmo obras que tentam romper os marcos tradicionais, como de José Besentino "História social....", jogam os sujeitos importantes para nota de rodapé. Sujeitos que ainda não foram estudados. Prof^a. Carmem, que estudou relação entre educação e trabalho, identifica sujeitos outros que não os tradicionais. A ideia é problematizar a periodização clássica. A participação de Carmem vem ajudar nesse debate, mas antes dela apresentar sua experiência passaremos para Margarida tratar um pouco desta questão da datação histórica em EJA.

MARGARIDA

Vários de nós tem as referências citadas pelo Paulo. Quase todos nós passamos por elas, mas agora precisamos cuidar que EJA é isso, mas não só. Memória e história tem a ver não só com letramento. Quando se busca o como devemos buscar ter clareza da diversidade.

Começo sempre de década de 30. Voto era de quem escrevia seu nome. Essa era a ideia de alfabetização. Na nossa leitura dos clássicos, há esse caminho mostrando o impulso para a escolarização. Perspectiva da leitura do mundo com P.Freire. Chegamos a 85, com a Fundação Educar. Com Manfredi, retornamos ao período colonial, fazendo-se formação de adultos. Manfredi fala desses processos educativos também no período imperial. Portanto, há uma história que nos leva a um momento anterior e que temos de estudar como EJA.

A questão do campo do trabalho, da formação do trabalhador nos distintos momentos precisam ser trazidos para estudo, pelo Centro. Se a gente consegue fazer uma leitura mais ampla, vamos reconhecer que há várias áreas da educação que devem compartilhar seus estudos (Movimentos Sociais, EJA, Ed.Popular, Trabalho e Educação). Muitas questões são debatidas em outros GT. Como o nosso é um tema transversal, a discussão se faz em outros GT. Mas esses quatro têm o que se quer identificar como principal referência. Se a gente quer ficar inclusive na diversidade, o Grupo de Educação racial terá muito a dizer, também. Há

outras pontes que estão fora da academia. Como envolver trabalhadores do campo, dos sindicatos etc. A interlocução sai da academia, mas o diálogo é com vários interlocutores.

Há um caminho do Centro que é o da visibilidade da política educacional de EJA. Mas tem um caminho que é o da visibilidade dos sujeitos. Temos de não reproduzir o que já foi dito. Mas dizer o que ainda não foi dito. Do ponto de vista da pesquisa, temos de tentar encontrar o que ainda não está aí. O Banco de teses da Capes nos oferece o que foi produzido de 2006 para cá.

Estamos num processo de indução, constituirmo-nos a partir dela, mas sozinhos não vamos dar conta. O caminho do Fórum EJA traz um conjunto de informações, seremos um lugar para dar visibilidade ao que já foi e está sendo feito. Isso também, movimentos sociais, educação fora da escola também é EJA. A ideia é de que a rede cresça no dialogo com as outras áreas. Empresários que atuam na educação não estão necessariamente restritos ao sistema S. Sindicatos também precisam estar muito mais presentes, também. Na educação profissional, defende-se ainda em muitos lugares que não é necessário a formação para a docência. Precisamos mexer com essa memória, para poder levantar a discussão a esse respeito, reverter essa tendência.

Temos de visitar novas metodologias de pesquisa. A indução que se está fazendo é para que o pessoal de CFES dê visibilidade às experiências de sistematização.

CARMEM (USP) –

É da área de educação e trabalho. Consolidação do Centro vai provocar integração entre iniciativas universitárias nesse campo, principalmente aproximar universidade e movimento social organizado e movimento social popular. Feliz em participar desse esforço, governo muito complicado, que politicamente tem prejudicado ações concernentes a agenda territorial e demais iniciativas, tal como esta.

Atividades convergentes com as de Sérgio Haddad, de Núcleos na USP, na Unicamp, na UNESP, voltados para educação de adultos. Rede de iniciativas de atividades no âmbito da faculdade. Na Pós, está presente em mais de uma área de pesquisa e de ensino. Centro de memória, de equipe multidisciplinar, para dar conta de minorar a fragmentação. Além dele, um grupo de pesquisa Trabalho e educação. Propósito é desvendar essa relação. Sonia Grupa, colega que está na secretaria de educação de Suzano.

A questão da cronologia, dos marcos históricos é complexa. Leva-se em conta a política governamental, mas são esquecidos os sujeitos. Perde-se de vista a heterogeneidade cultural. Não se respeita a diversidade de vivência temporal.

Temos um núcleo, mas as ações são sempre individuais, em dado momento nos reunindo para estabelecer uma política. Pessoalmente, ligada a grupos metalúrgicos de trabalhadores de S.Paulo. Década de 90, disputando contra o governo neoliberal, acompanhando mudanças produzidas pelo decreto 208, que separou educação básica inicial do restante do processo educacional. Educação básica ambígua. Pela primeira vez, FHC desenvolve política publica disputada por agencias governamentais e sistema S, de formação profissional

Discutir formação do trabalhador era praxe no estado de bem estar social. Esse processo estipulava a grade salarial, porque hierarquizava as profissões. No Brasil, nem tínhamos discutido formação profissional e, no caso do ensino técnico, no pos-técnico médio o currículo era discutido com base na demanda das empresas. A CUT escreveu suas concepções, colocando uma política de formação profissional sistematizadas em um programa. Proeja foi resultado de discussão de movimento social organizado envolvendo vários sindicatos. A partir daí, professores da USP (Nidia Cotusca, Sônia Gruppa) participaram de orientação pedagógica.

Centros públicos, observatório nacional estão no bojo dessa proposta. Itinerário, no Proeja, retoma a ideia de formação continuada. A discussão era contra a dualidade, pela educação integral. Nessa experiência, possibilitada por financiamento de Fapesp (políticas públicas e auxílio a escola pública). Essas políticas permitem que se trabalhe COM. Sindicalistas e trabalhadores participaram, inclusive, do conselho diretivo do projeto. Questão do trabalho tem de ser refletida por nos todos. No curso de Pedagogia, não se põe como discussão o conceito. Do ponto de vista epistemológico, vamos buscar autores que mostram o trabalho como constitutivo da natureza histórica do homem. Nos tornamos sociais pelo trabalho. Produtor de valor de uso. Nessa perspectiva conseguimos conhecer a condição do trabalho no âmbito da sociedade em que vivemos. O trabalho, Marx aponta, também é responsável pela construção da identidade. Não só os marxistas, mas no século 19, também Proudhon, Bakunin, Kropotzki, se reuniram e discutiram a questão do trabalhador: discussões de laicidade, trabalho infantil etc. Tudo isso arrebenta na comuna de Paris. 1976, ruptura entre trabalhadores anarquistas e marxistas. Depois disso, rede de experiências que vão sistematizar, de um lado, a escola racional (F. Ferrer), escola moderna e escola integral. Isso tem de ser recuperado, está presente nos anos 60, em várias experiências. Tudo que ocorre com o movimento de trabalhador surge é como se surgisse a partir de 30. Precisamos ver com mais acuidade, isso nos cabe hoje.

Estudos sobre como o trabalho incide sobre a forma de aprender ainda não está claro. Precisa ser aprofundado. Celso Ferreti, Acacia Kuenzer e vários outros têm contribuições importantes a ser dadas.

[O relato foi longo, difícil de registrar. Carmem fala detalhadamente das atividades de pesquisa de doutorado, refere bibliografia, refere a importância da busca dos documentos. É preciso que nos encontremos em outros momentos para aprofundar].

Do debate com as duas reflexões alguns registros:

O centro memória tem como princípio fazer a investigação no local onde está o material, a não ser quando não há possibilidade.

Para próximo encontro sugere que o Paulo Melo chame arquivista (Leomar) para expor essa metodologia.

Não dá para Proeja ser separada da EJA. Do ponto de vista pedagógico a EJA não tem a riqueza que tem a PROEJA. Essa política pública não pode deixar de ser entendida.

Fizeram um trabalho de arquivística, em convenio com secretaria municipal. Do trabalho de mestrado de Leomar foi feito um trabalho para os professores trabalharem em sala de aula.

Ana Maria Camargo, grande arquivista, produziu material também. Também um gibi mostrando que nas escolas há uma realidade desconhecida e o ratinho leva o professor a conhecer os documentos da escola. Participaram desse movimento de ampliação de fontes também outros profissionais do cinema, da música, da comunicação social. Fizeram um joguinho para as crianças.

MATERIAL PRODUZIDO pelo centro de memória da educação, em projeto financiado pela Fapesp.

- O ACERVO ESCOLAR: MANUAL DE ORGANIZAÇÃO E CUIDADOS BÁSICOS DE IOMAR BARBOSA ZAIA (livro)
- INVENTARIO DE FONTES ARQUIVO JAY TOLEDO PIZA (video)
- EM BUSCA DA MEMORIA ESCOLAR – AVENTURA 1 – IOMAR ZAIA (revista em quadrinhos)
- DICIONARIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVISTICA (VERSÃO BOLSO) Ana Maria de Almeida Camargo (ET AL) Centro de Memoria da Educação Feusp/Fapesp 2010

[ESSE MATERIAL PODE SER SOLICITADO]

A territorialidade e a intersetorialidade são dois elementos que se agregam de forma bastante importante na discussão de EJA. Possibilita a ligação com o mundo do trabalho (EJAT) pensando o trabalho como algo criativo. Isso aliás é o que nos incomoda quando fazemos algo repetitivo, seja na prática institucional ou nos MS.

MARIA LUIZA ANGELIN –

Se a gente entende a construção coletiva como princípio, não é só um princípio. A complexidade está em assumirmos coletivamente nossa incompletude. Temos a historiografia possibilitando avanços na história oral. Também entender que o Centro é de memória viva, devendo portanto a gente pesquisar com objetos e não com sujeitos. Pesquisa-ação não tratada apenas na visão de P.Freire, mas também na perspectiva de Thiollent e René Barbier. A construção do conhecimento que resgata a história nos impõe saber o que fazer com o tempo real. Se pensarmos historia oral, entrevistando e resgatando depoimentos é muito atrasado. Temos de fazer algo mais avançado, pensando em trazer elementos para a discussão hoje, para resolver problemas de agora, no tempo real. Se formos entrevistar educador em tempo real, perguntando como chegou ali numa perspectiva emancipatória, temos de disponibilizar em algum instrumento, para acesso aqui e agora. Servir ao movimento atual. No proeja transiar uma experiência desse tipo.

Instituições do entorno. Temos obrigação política e acadêmica de trazer o Inep às suas origens, retomando sua razão de ser original. Quando Anísio estava na prefeitura do distrito federal, ele criou o departamento de 3 teses(?), para o professor da base poder ter apoio para registrar suas experiências pedagógicas. O dialogo pretendido por Anísio era o relato que pudesse repercutir no aqui e agora. Esse esforço tem ocorrido por parte de alguns pesquisadores Eva Weil, na UnB, por exemplo. Inep, dialogando com MEC e Faps, pode trazer uma discussão

sobre conhecimento emancipatório. Na fala da Carmem, ela exemplifica eventos brasileiros mal compreendidos, faltando rever tal conhecimento. Agora, temos de criar formas distintas de pesquisa para dar conta da contemporaneidade do não coetâneo. Com a relação que Unilab e Unila irão ter conosco podemos fazer essa guinada, no sentido de compreender que o conhecimento que os portugueses adquiriram tem a contaminação de várias culturas. Para além do afro, índio e luso, há outras raízes culturais. Está ainda no momento de estudar quem somos nós.

Não se tem consciência histórica do lugar que se habita. Buscando maneiras de fazer isso, chegou-se ao que se faz agora:

Portal de educação popular. No DVD de Favero, experiências de Ed.popular. Depois de palestra dele com M.Gloria Gohn, ele disse que tinha esse DVD. Depois de entrevistas com ele e com M.Gloria Gohn, eu disse que ele estaria on line. Noutra oportunidade, chamando-o para um trabalho, ele informou que além do acervo em álbum, texto e audiovisual, podemos transformar ambiente virtual em ambiente para coleta de dados, mobilização etc. Portanto, o Centro não pode ser algo estático.

[mostra a história oficial e a história do ponto de vista dos trabalhadores, moradores etc., no site do Forumeja/DF]

Importante adesão de bolsistas ligados a projetos e disciplinas. Desse projeto, com alunos indo para o Mestrado ou não, já se tem a possibilidade de criar uma trajetória, pensando as pessoas dentro dela, para formação de pessoal. Isso traz a possibilidade de o Centro poder influenciar nas três áreas: ensino, pesquisa e extensão.

Em tempo real. Está-se conseguindo fazer audiência pública relativa a uma luta em curso. A audiência foi difundida on line. Audiência feita em 14 de abril, depois de inaugurada escola, onde não havia sido prevista EJA, com a audiência, foi possível alavancar a luta e se conquistar a EJA para a escola. Também repercutiu a noção de que audiência pública tem essa finalidade de ser via de pressão do movimento.

PROEJA TransiArte em convenio com Universidade Católica de Goiás. Pesquisa em 2007 conseguiu trazer o Proeja, pois o governo do DEM impedia. Tem os princípios de P.Freire e a ideia é fazer com os estudantes de EJA o levantamento de problemas para buscarem soluções.

Com essas mostras, para passar a ideia de que há desafios a vencer, criando padrões de conhecimento coletivo. Mestrados coletivos, com compromisso de produção coletiva, de troca efetiva. Nesse campo, também assumir a luta pela tecnologia de ponta. Paulo Freire foi pioneiro nisso, introduzindo cineminha na favela. Quatro anos são tempo suficiente para desengessar nossas ações, explorando meios didáticos e pedagógicos em conjunto com outras áreas.

O processo educativo se dá em vários espaços, inclusive no ambiente virtual.

DEBATE

[Uma colega afirma que agora se deve partir para formação específica nessa questão da informática, de arquivística. A relação de como fazer precisa também ser esclarecida.]

MARINALDA, UFBA. Outra lembra que texto de C.Brandão dá dicas sobre os inícios da educação popular. Chama atenção para os Pioneiros, onde se pode encontrar indícios. Osmar traz textos de Paschoal Leme e Lourenço Filho com idéias indicativas de aprendizagem de adultos e de idosos. Quando Margarida fala das fontes financeiras macro, também quero lembrar que temos interface com grupos de historia, levantando coisas do ensino noturno, grupo de trabalho/educação. Muito importante o Portal na formação do professor, tem sido incentivo aos portais locais, como fontes. Este é um momento impar e, com a questão do planejamento estratégico, haverá possibilidade de desanuviar muita coisa.

IDINAURA pergunta: Depoimento não será produto de pesquisa imediato, nas vai exigir um trabalho nas ilhas de edição. A instantaneidade exige processamento. Pergunta se idealizou isso ou se já vivenciou.

Resposta de M.LUIZA- O que é coisa bruta em audiência publica, se ela é pública? A luta social concreta do movimento conquistou a audiência publica. Tinham que ter a visibilidade da audiência publica. Conseguiram gravar. Não precisaram limpar, mas estava bem feito, até sem ruídos. Então, é preciso saber o que queremos fazer com pesquisa histórica. Para que outros venham investigar ou se, também, é fazer história hoje. Há problemas tecnológicos, mas se ela tem de nos servir, a gente tem de enfrentar o desafio de fazer a entrevista em tempo real. Instrumento democrático pode ser utilizado com sucesso.

IDINAURA – MS tem utilizado pouco o Portal. Enquanto articuladores dessa rede, na construção do Centro, precisamos repensar as formas de relacionamento com os Foruns.

Resposta – em 2004, assistimos instalação do Forum em MS. Estava ocorrendo o 6º Encontro de MOVA, enquanto isso, a secretaria de governo chamou para instalar o Forum, que surgiu como chapa branca. Por que o Forum de MS já nasceu fragilizado. Há uma diferença ideológica. As relações não são de antagonismo, mas de compreensão, de consciência política dos processos.

MARIA EMILIA (de que Estado?)- [não é coordenadora, vem respondendo como Vice. Preocupa-se na perspectiva do planejamento metodológico.] São 4 anos, mas passam rápido. Os convênios estão sendo assinados. No mínimo, temos de saber como constituir equipe. Como constitui-la: atraindo alunos, professores, selecionando bolsistas etc. Outro problema com equipe é o problema das categorias. Estamos trabalhando com categorias da educação formal, não formal, educação prisional, do campo, etc. Precisamos fazer um planejamento estratégico para estabelecer prioridades. Será que Ceará vai ficar mais com a questão da terra? O grande desafio é ter clareza de como iniciar o processo.

TARDE DE 03 DE DEZEMBRO

REUNIÃO PARA DISCUTIR DOIS TEMAS:

Um grupo de trabalho para agilizar as coisas e fazer veicular informações. Seria um grupo de trabalho menor, porque se juntar todo mundo, dois de cada região, que cada um se sinta bem situado. Um círculo menor é capaz de agilizar os trabalhos. Até porque não se sabe quanto de dinheiro há para custear a vinda de tantos para encontros, reuniões etc. O grupo menor como forma de agilizar as questões de todos, para representar, quando um ou outro falta.

Comunicação com o MEC e a comunicação interna. Tarefas básicas:

- Pensar pauta para oficina do planejamento
- Pensar articulação para pensar metodologicamente oficinas
- Desenho do financiamento para projeto maior

Por isso, entrou-se na questão do Nordeste, em que a coordenação está acumulando funções de coordenação da cátedra Unesco.

Perspectiva é reduzir as reiteraões de informações.

Chegamos a várias informações: modelos financeiros centralizados; modelos descentralizados; modelos semi-descentralizados. Precisamos ter clareza de como agilizar as coisas. A burocracia não pode ser um desmobilizador.

É isso mesmo: um grupo de trabalho institucionalizado por meio de portaria. Essa a ideia, de que aqui se pudesse constituir uma delegação.

IDINAURA: ideia de agilização é a de alguém ou alguns fornecerem informações à maioria. Interessaria conhecer particularidades, mas de tal forma que o grupo possa captar isso para alimentar futuras oficinas. Há o problema monstro de usar o financiamento com muito sacrifício e desgaste.

Marinaide - O que Margarida falou de descentralização de recursos ajudou. O planejamento financeiro feito por meio de seminário nosso, tendo todos participado. Encaminhamento: quando sairmos do Nordeste, faremos indicação de coordenação, porque não podemos mais perder tempo no Nordeste.

Oficina de Planejamento estratégico para definir composição de coordenação apenas com elementos de quem está aqui. Pode ser equipe provisória, informando os 3 seminários ocorridos até agora (ou seja, desde o encontro de Porto Alegre até este). Até agora, chamou-se monte de gente. O que se colheu até agora. Concluída esta etapa de convite, indução etc., chegou-se ao entendimento de que se tem uma organização cuja identidade não está visível para todos.

M.Emilia – talvez fosse interessante circular um documento de análise crítica, com apreciaões sobre a situação de cada região (Margarida afirma que é importante, constitui-se em uma

forma de avaliação). Informação de Unilab e da Unila, como fazer para socializar as informações.

Paulo mostra a memória que já produziu.

Mapear tudo isso que até agora aconteceu é substancial para se chegar ao planejamento estratégico.

Discussão sobre parceria com estaduais

WAGNER (PR), na chefia de departamento, na secretaria da Diversidade na Seduc. Talvez o que se possa avançar é pactuar relação entre federal do Paraná e rede de pesquisadores estaduais, com as instituições. Pactuar uma forma de articulação e compromisso interinstitucional.

Alguém do Rio ficou de checar a situação das estaduais no Centro, no âmbito do Sudeste. Melhor maneira foi provocar federais a chamar estaduais.

MARIA LUIZA - Não estamos nem entendendo nosso campo. Daqui a pouco, vamos estar conversando com alfabetização solidária, que a Unesco, inclusive, está apoiando. Já existe inclusive o Centro de Referência em Alfabetização Solidária.

PAULO - Sim, por isso optamos por trabalhar com as entidades públicas.

PAULO – lembra que tem a proposta de coordenação provisória para estabelecer pauta da Oficina e finalizar a memória.

Decisão sobre COMISSÃO NACIONAL PROVISÓRIA assim ficou constituída:

MARGARIDA, IDINAURA, (centro oeste)

NAZARÉ (norte)

(Virá mais alguém do sul e do sudeste),

IVANILDE (nordeste)

Representante da Unila

Representante da Unilab

CALENDÁRIO da OFICINA DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: proposta de **23 a 25 de Março**, em Fortaleza.

Seguem-se comentários gerais sobre os objetivos da Oficina:

Quando Mamedes trata da oficina de planejamento estratégico, está estabelecendo passos metodológicos, etc. para que o planejamento seja gerado. Ele provavelmente já tem isso definido, mas quando se propôs, se dispôs a exercitar a formulação do planejamento estratégico. A comissão vai dialogar com ele para definir os itens, os elementos, as categorias etc. etc. A comissão tem de definir com ele qual a natureza da metodologia que pretende adotar, para que a comissão possa captar e definir.

Jaqueline- Há necessidade de uma oficina coletiva que é maior do que o planejamento proposto pelo Mamedes. Vamos fazer pesquisa com elementos de base comum. Vamos isto vamos aquilo. Há muitas outras pautas para além do prof. Mamedes. A Oficina de três ou quatro dias tem de ter o moderador de planejamento estratégico.

O que nos atraiu no Mamedes é que o seu entendimento é de que o tecnológico, tal como ele entende, é um conceito muito mais amplo.

M.Emilia- Talvez o papel do prof. Mamede seja o de sistematizar o que queremos. Se minha região não se sentir a vontade para produzir o que queremos, posso ficar refém. Por isso, temos de levar indicadores. Até ontem ele entendeu mal quando pedi que ele propusesse o que pretende. Não posso aceitar no escuro.

Na oficina do Rio de Janeiro, sentimos que precisávamos de um pensamento mais claro e nacional que fornecesse uma impressão do que vamos produzir. Compreendemos claramente de que aquela dinâmica não deve ser copiada, mas criada. Naquele contexto, propusemos conversar com quem conhece o tema e pudesse ajudar.

Secad se encontrou e combinou com ele para conversar. Pela apresentação dele, assistindo a toda a argumentação, entendi que ele não é vendedor de uma ideia. Ele falou de definição de planejamento estratégico, inclusive elogiando a capacidade plural de ver as coisas. Quando Emilia solicitou que ele expusesse como deveríamos fazer, ele comentou que uma equipe multidisciplinar poderia ajudar a entender com mais clareza. Ele está se propondo a ajudar a organizar o que nós queremos. Pessoal do Arquivo Nacional vai ajudar também.

M.Emilia – O que gostaria é de dizer que se viermos para a Oficina sem antes ter uma discussão, serão dois dias outros de planejamento sem grandes soluções.

CONVIDADOS DE FORA (áreas de biblioteconomia, arquivologia, informação e EJA) É importante a participação das pessoas para entendimento das estratégias que vão ser estabelecidas. Estabelecer as parcerias.

Margarida propõe **REUNIÃO DA COMISSÃO PROVISÓRIA NOS DIAS 10 E 11 DE JANEIRO, SEGUNDA FEIRA, EM GOIANIA.** Combinado.

Para a gente não sair tão no ar, seria interessante ter um espaço interativo para a comissão se comunicar até 10 de janeiro e cada membro se sentar para escrever algo para a comissão. Sugere que cada núcleo encaminhe relatório sobre seus encaminhamentos e atividades para informar e compor a memória.

Paulo fará uma pauta mínima, que cada um deverá preencher. Idinaura propõe preenchimento do item O QUE. Receberemos um boneco com tópicos para esse relatório.

Artemis Torres (CMV-MT)

Brasília, 3 de dezembro de 2010